

“Quando os anjos falam de amor” tem cabeça e coração

Espectáculo que vai a casa dos espectadores destaca-se entre os melhores do Circular - Festival de Artes Performativas que hoje termina em Vila do Conde



FOTOGRAFIA: CARLOS CARNEIRO

Espectáculo é com Catarina Vieira, Leonor Mendes e Sérgio Diogo Matias

Ana Trocado Marques
cultura@jn.pt

PERFORMANCE O que é uma casa? Que memórias trazemos? Que sonhos, que fantasmas, que lutas? O que deixamos para trás? O que é o essencial? Os habitantes mudam uma casa? Inspirada nos caça-fantasmas, “Quando os anjos falam de amor” é uma espécie de ritual. Cada performance é única e irrepitível. Constrói-se da casa – transformada em palco – e de quem lá mora. Traz o olhar de quem vem de fora. E é nesse dar e receber que está o segredo de uma proposta, que tem tanto de surpreendente como de inusitado.

“Quando os anjos falam de amor”, espectáculo de Henrique Furtado Vieira, com Catarina Vieira, Leonor Mendes e Sérgio Diogo Matias, estreou no Circular - Festival de Artes Performativas e tem tudo a ver com o certame: contra os olhos colados ao ecrã e os rostos alienados do cartaz deste ano, a partilha e o amor. O festival está a decorrer até domingo, em Vila do Conde.



Peça irá ainda a Guimarães, Covilhã e Lisboa

“Tinha muita vontade de trabalhar temas como a intimidade e o amor”, explicou ao JN o performer, bailarino e coreógrafo Henrique Furtado Vieira. Juntou o grupo que em 2021 levou à cena “Diálogos”. Dali até a um espectáculo que vai a casa do espectador, foi “todo um processo”.

COMOÇÃO E DESCOBERTA

Em cada casa, há uma nova “constelação afetiva” – uma nova família e amigos –, outras histórias, um renovado ritual, que se desenvolve à volta de uma mesa e, enquanto a casa –

sempre a casa –, vai ganhando forma. Uma foto, um quadro, um desenho, a recém-ganha chave de casa da Maria, a partida de Isabel Lhano, uma edição especial do “Príncipezinho”, as festas na sala, os amigos, as memórias da casa da avó. Todos falam, todos ouvem, todos aprendem, sem moralismos. Há gargalhadas, emoção, música, dança, histórias e, no final, a certeza da partilha, a confiança e a chegada ao lugar seguro do amor de todos os dias.

Henrique diz que a experiência tem sido “muito comovente e de contínua

descoberta”. Catarina descobriu “todo um novo mundo, mais complexo e diverso” do que imaginava. Leonor destaca a riqueza que cada família lhe traz, num espectáculo que, como diz Sérgio, é “todos os dias uma estreia” e onde cada um é, ora ator, ora espectador.

Esta singular “viagem” começou na terça-feira. Até ao final do dia de hoje, serão dez espectáculos noutras tantas casas. Depois, o projeto rumará a Guimarães, à Covilhã e a Lisboa para novas récitas.

DESTAQUES PARA HOJE

O 21.º Circular termina hoje em Vila do Conde e volta a ter um dia “em cheio”. Às 17.30 horas será apresentada a edição n.º 13 do jornal “Coreia”, numa sessão que integra a performance da coreógrafa Inês Sybille Vooduness.

Depois, à noite, há música e dança: primeiro, o ensemble vocal LEIDA, na Igreja Matriz; depois, a estreia absoluta de “Orbital gesture”, o espectáculo de dança do coreógrafo Raúl Maia; a fechar, a artista de ascendência sãotomense Xexa cruza ritmos africanos e sintetizadores com o seu último álbum “Kissom”.

“Quando os anjos falam de amor” podia chamar-se simplesmente “A casa”, mas acabou por ser a escritora e ativista Bell Hooks a inspirar-lhe o nome. Há gargalhadas, emoção, música, dança, histórias e, no final, a certeza da partilha, a confiança e a chegada ao lugar seguro do amor de todos os dias a que chamamos casa. Fica a reflexão e as perguntas que nos deixam a pensar. E isso é – com cabeça e coração – Circular. ●